



Consumos

Nos resultados dos vários **estudos epidemiológicos nacionais** realizados no contexto da população geral, o consumo de ecstasy ganhou maior visibilidade entre 2001 e 2007, surgindo em 2007 como a terceira droga com maiores prevalências de consumo. Já em populações escolares, os estudos nacionais realizados em 2006, 2007 e 2010 apontam para uma diminuição do consumo de ecstasy relativamente ao início da década, apesar de um aumento entre 2006 e 2010. Embora ainda com um papel secundário em contextos mais problemáticos, entre 2001 e 2007 adquiriu maior relevância nos consumos da população reclusa.

No segundo *Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Geral* realizado em Portugal em 2007, decorridos seis anos da realização do primeiro¹³⁷, o ecstasy surgiu como a terceira droga preferencialmente consumida pelos portugueses, quer na população total (15-64 anos) quer na população jovem adulta (15-34 anos). Entre 2001 e 2007, registou-se um aumento das prevalências de consumo de ecstasy ao longo da vida na população total (de 0,7% para 1,3%) e na jovem adulta (de 1,4% para 2,6%). No caso das prevalências de consumo nos últimos 30 dias verificou-se uma estabilização na população total (0,2% em 2001 e 2007) e na jovem adulta (de 0,4% para 0,5%). Apesar de ser a primeira droga na população total e a terceira na jovem adulta com maiores taxas de continuidade do consumo¹³⁸ em 2007, verificou-se uma diminuição dessas taxas entre 2001 e 2007, tanto na população total (de 53,5% para 32,7%) como na jovem adulta (de 59,8% para 35,1%). A análise por género evidencia prevalências de consumo de ecstasy mais elevadas no grupo masculino (prevalências ao longo da vida e nos últimos 30 dias respetivamente de 2,1% e 0,3% na população total e de 4,3% e 0,6% na jovem adulta) do que no grupo feminino (prevalências ao longo da vida e nos últimos 30 dias respetivamente de 0,4% e 0,1% na população total e de 0,8% e 0,2% na jovem adulta), embora o grupo feminino apresente taxas de continuidade do consumo mais elevadas. A análise regional (NUTS II) destaca o Algarve e Lisboa como as regiões que apresentavam em 2007 prevalências de consumo de ecstasy ao longo da vida acima da média nacional tanto na população total como na jovem adulta, destacando-se também nesta última a região Centro. No caso das prevalências do consumo nos últimos 30 dias, destacaram-se as regiões do Alentejo, Lisboa e Centro, que registaram prevalências iguais à média nacional tanto na população total como na jovem adulta (nesta última, o Alentejo apresentou uma prevalência acima da média nacional).

¹³⁷ Balsa et al., 2008.

¹³⁸ Proporção de indivíduos que tendo consumido uma dada substância ao longo da vida, declaram ter consumido essa mesma substância no último ano.

Os resultados dos vários estudos nacionais realizados entre 1995 e 2003 no contexto das populações escolares - o ESPAD¹³⁹ (alunos de 16 anos) em 1995, 1999 e 2003, o HBSC/OMS¹⁴⁰ (6.º/8.º/10.º anos de escolaridade) em 1998 e 2002, o INME¹⁴¹ (3.º Ciclo e Secundário) em 2001, e, o ECATD¹⁴² (alunos dos 13 aos 18 anos) em 2003 - evidenciaram prevalências de consumo de ecstasy ao longo da vida relevantes, seja a nível do HBSC/OMS em 2002, seja do ESPAD e do ECATD em 2003. Constatou-se uma tendência de aumento das prevalências do consumo de ecstasy ao longo da vida, a nível dos resultados do HBSC/OMS entre 1998 e 2002 e do ESPAD entre 1999 e 2003. No âmbito do ECATD, os resultados relativos às perceções do consumo regular de ecstasy indicavam que a perceção do risco desse consumo aumentavam com a idade, mas a da dificuldade de abandonar esse consumo variava na razão inversa da idade. Entre esta população escolar, o ecstasy era percecionado como a segunda substância ilícita a seguir à cannabis, cujo consumo regular era mais fácil de abandonar.

Quadro 30 - Resultados de Estudos: Prevalências do Consumo de Ecstasy ao Longo da Vida (%)
2001 – 2003, 2006 – 2007 e 2010

Estudos		CONSUMOS					
		2001	2002	2003	2006	2007	2010
População Geral	Pop. Total (15-64 anos)	0,7	–	–	–	1,3	–
	Pop. Jovem Adulta (15-34 anos)	1,4	–	–	–	2,6	–
População Reclusa		17,0	–	–	–	19,9	–
População Escolar	ESPAD (alunos de 16 anos)	–	–	4	–	2	–
	HBSC/OMS (alunos do 6.º / 8.º / 10.º ano)	–	2,2	–	1,6	–	1,8
	INME (3.º Ciclo)	4,1	–	–	2,1	–	–
	INME (Secundário)	4,6	–	–	2,1	–	–
	ECATD 13 anos	–	–	1,5	–	0,9	–
	14 anos	–	–	3,1	–	1,5	–
	15 anos	–	–	2,5	–	2,5	–
	16 anos	–	–	3,7	–	2,3	–
17 anos	–	–	3,5	–	3,3	–	
18 anos	–	–	4,3	–	4,0	–	

Fonte: Balsa et al., 2008; Torres et al., 2009; Hibell et al., 2004; Hibell et al., 2009; Matos et al., 2003; Matos et al., 2006; Matos et al., 2010; Feijão & Lavado, 2002; Feijão & Lavado 2006; Feijão, 2008; Feijão, 2009 / Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P.: DMFRI - NE

Em 2006, os resultados do HBSC/OMS e do INME evidenciaram descidas das prevalências de consumo de ecstasy entre 2001-2006 e 2002-2006. No HBSC/OMS, entre 2002 e 2006 verificou-se uma diminuição das prevalências de consumo de ecstasy ao longo da vida (de 2,2% para 1,6%), a qual surgiu em 2006 e contrariamente ao sucedido em 2002, com um valor inferior à prevalência de consumo de LSD. Nos resultados

¹³⁹ Portugal integra o ESPAD - European School Survey Project on Alcohol and Other Drugs - desde 1995. Os dados nacionais enquadrados no contexto europeu e relativos aos estudos de 1995, 1999, 2003 e 2007, encontram-se publicados (Hibell et al., 1997; Hibell et al., 2000; Hibell et al., 2004; Hibell et al., 2009). Em 2011 foi realizado outro estudo, cujos resultados ainda não foram publicados.

¹⁴⁰ Portugal integra o HBSC/OMS - Health Behaviour in School-aged Children - desde 1996 e é membro associado desde 1998. Os dados nacionais relativos aos estudos de 1998, 2002, 2006 e 2010, encontram-se publicados (Matos et al., 2000; Matos et al., 2003; Matos et al., 2006; Matos et al. 2010).

¹⁴¹ O INME - Inquérito Nacional em Meio Escolar - teve início no IDT, I.P. em 2001 e foi repetido em 2006 (Feijão & Lavado, 2002; Feijão, 2008) e 2011 (resultados ainda não publicados).

¹⁴² O ECATD - Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Droga - teve início no IDT, I.P. em 2003 e foi repetido em 2007 (Feijão & Lavado, 2006; Feijão, 2009) e 2011 (resultados definitivos ainda não publicados), inserindo-se no Programa de "Estudos em Meio Escolar".

do INME, o ecstasy surgiu, a par da cocaína, como a segunda droga com maiores prevalências de consumo entre os alunos do 3.º Ciclo, surgindo também entre as três drogas com maiores prevalências de consumo nos alunos do Secundário. Entre 2001 e 2006, verificou-se uma diminuição das prevalências de consumo de ecstasy ao longo da vida e nos últimos 30 dias nos alunos do 3.º Ciclo (respetivamente de 4,1% para 2,1% e de 1,5% para 1,0%) e nos do Secundário (respetivamente de 4,6% para 2,1% e de 1,5% para 0,9%).

Em 2007, a nível do ESPAD, o ecstasy registou uma prevalência de consumo ao longo da vida idêntica às da maioria das outras substâncias ilícitas que não cannabis, contrariamente ao sucedido em 2003 em que surgiu como a segunda substância ilícita com maior prevalência de consumo, constatando-se entre 2003 e 2007 uma descida na prevalência de consumo ao longo da vida desta substância (4% em 2003 e 2% em 2007). Também a nível do ECATD os resultados apontam para uma diminuição da importância do consumo de ecstasy relativamente a outras substâncias ilícitas nestas populações, surgindo em 2007 com prevalências de consumo ao longo da vida inferiores às de cocaína e inferiores ou iguais às de anfetaminas em quase todas as idades (exceto nos alunos de 18 anos em que ainda surge como a segunda substância ilícita com maior prevalência de consumo). De um modo geral e à semelhança das outras substâncias, também as prevalências de consumo de ecstasy variaram na razão direta da idade (0,9% nos alunos de 13 anos e 4% nos alunos de 18 anos). Entre 2003 e 2007 verificou-se uma descida destas prevalências de consumo, particularmente entre os alunos mais novos.

Tal como sucedido em 2003, também em 2007 os resultados do ECATD relativos às perceções do consumo regular de ecstasy indicavam que a perceção do risco desse consumo aumentava com a idade, mas a da dificuldade de abandonar esse consumo variava na razão inversa da idade. O ecstasy foi percecionado como uma das drogas cujo consumo regular tem menor risco e é mais fácil de abandonar (surge juntamente com a cannabis, esta com maior relevância nos alunos mais velhos e o ecstasy nos mais novos). Entre 2003 e 2007, não se registaram alterações relevantes nas perceções sobre o risco e a dificuldade do abandono do consumo regular de ecstasy, sendo de registar no entanto, alguns aumentos percentuais na atribuição de maior risco e uma diminuição percentual das respostas “*não sei*”, o que aponta para uma maior informação sobre estas questões.

Em 2010, os resultados do HBSC/OMS evidenciaram um aumento relativamente a 2006 da prevalência de consumo de ecstasy ao longo da vida (de 1,6% para 1,8%), sendo no entanto ainda inferior à registada em 2002 (2,2%).

No estudo nacional *Drogas e Prisões: Portugal 2001-2007*¹⁴³, o ecstasy surgiu em 2007 entre a população reclusa, com prevalências de consumo superiores às de anfetaminas quer no contexto anterior à reclusão quer no de reclusão. Foi a única substância ilícita que registou entre 2001 e 2007, um aumento da prevalência de consumo ao longo da vida (17% em 2001 e 19,9% em 2007). Tal reflete o acréscimo registado na prevalência de consumo de ecstasy no contexto anterior à reclusão - 16,4% em 2001 e 18,2% em 2007 -, uma vez que se verificou uma diminuição no contexto de reclusão - 6,4% em 2001 e 2,7% em 2007. À semelhança do ocorrido

¹⁴³ Torres et al., 2009.

com as restantes drogas com exceção da heroína e cocaína, verificou-se no contexto de reclusão um aumento do consumo regular¹⁴⁴ de ecstasy (<0,1% em 2001 e 0,3% em 2007).

No estudo publicado em 2003 sobre consumos problemáticos de drogas em populações ocultas¹⁴⁵, o ecstasy tinha pouca expressão nas amostras das *zonas down* e *up* (que não incluíam adolescentes), surgindo com um consumo esporádico ou único e sendo utilizado pontualmente na *zona up* como droga recreativa. Foi também assinalada a tendência ao seu consumo entre populações juvenis de bairros periféricos, o que poderia indiciar a difusão de consumos para lá dos grupos juvenis de origem.

A nível dos vários indicadores indiretos relativos ao consumo, o ecstasy continua a ter um papel muito secundário e residual e tem vindo a diminuir a sua visibilidade nos anos mais recentes.

No âmbito da **procura de tratamento**, em 2010 o ecstasy foi referido como droga principal por 0,1% dos utentes em ambulatório na rede pública de tratamento da toxicodependência, e, por 0,1% dos novos utentes (primeiras consultas) nesta rede. Uma vez mais nos Centros de Dia públicos e licenciados assim como nas Unidades de Desabilitação públicas e licenciadas não surgiram nenhuma referências ao ecstasy enquanto droga principal, sendo também residuais a nível dos utentes das Comunidades Terapêuticas públicas e licenciadas (0,3%).

Quadro 31 - Ecstasy: Alguns Indicadores Indiretos relativos aos Consumos
2008 - 2010

Indicadores Indiretos		CONSUMOS						
		2008		2009		2010		
		Total	% a)	Total	% a)	Total	% a)	
Procura de Tratamento: Droga Principal dos Utentes	Ambulatório / Rede Pública	Total de Utentes	30	0,1	20	0,1	13	0,1
		Novos Utentes	10	0,2	4	0,1	3	0,1
	Centros de Dia (Públicos e Licenciados)	
	Unidades de Desabilitação (Públicas e Licenciadas)	
	Comunidades Terapêuticas (Públicas e Licenciadas)		53	1,1	9	0,2	12	0,3
Mortes	Registos Gerais de Mortalidade, INE, I.P. ^{b)}			—	^{c)}	
	Registos Específicos de Mortalidade INML, I.P. ^{d)}	Só com Ecstasy	^{e)}	
		Ecstasy + Outras	^{e)}	
Processos de Contraordenação	Só com Ecstasy	10	0,2	8	0,1	9	0,1	
	Ecstasy + Outras Drogas	46	1	23	0,3	18	0,3	

a) % relativa a cada indicador.

b) *Dependência de drogas, toxicomania*, CID 10 - Lista Sucinta Europeia, e, *Mortes relacionadas com drogas* (mortes causadas diretamente pelo consumo de drogas de abuso), CID 10 - Protocolo OEDT.

c) À data da divulgação deste Relatório, o INE ainda não dispunha da informação sobre óbitos por causas de morte de 2010.

d) Casos de *overdose*.

e) Os dados de 2010 sofrerão atualizações no próximo ano.

Fonte: Unidades Licenciadas / Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P. / Instituto Nacional de Estatística, I. P. / Instituto Nacional de Medicina Legal, I. P.

No que respeita às **mortes** relacionadas com o consumo de drogas no contexto das estatísticas nacionais da mortalidade do INE, I.P., os dados de 2010 não estavam disponíveis à data da publicação deste Relatório, e

¹⁴⁴ *Todos os dias* no último mês na prisão.

¹⁴⁵ Fernandes & Carvalho, 2003.

por razões de “segredo estatístico”¹⁴⁶ em 2009 e 2008 não foi possível disponibilizar informação desagregada a nível das substâncias envolvidas nessas mortes.

Relativamente à informação dos registos específicos de mortalidade relacionada com o consumo de drogas proveniente do INML, I.P., como já referido no respetivo capítulo, pela primeira vez em 2009 foi possível obter informação sobre as causas de morte dos casos com resultados toxicológicos positivos (relativa aos anos de 2008 e 2009), e assim, distinguir entre estes, os casos de *overdose*. Em 2010¹⁴⁷, tal como em 2009 e 2008, não houve registo da presença de ecstasy em qualquer dos casos de *overdose*.

Também nos **processos de contraordenação por consumo de drogas**, o ecstasy continua a surgir com valores cada vez mais residuais. Em 2010 e à semelhança dos anos anteriores, menos de 1% dos processos de contraordenação por consumo de drogas estavam relacionadas só com ecstasy, registando o número destes processos (9) um aumento de +13% relativamente a 2009. Nos processos envolvendo a posse simultânea de várias drogas, a presença de ecstasy, embora também pouco expressiva adquire um pouco mais de visibilidade, estando em 2010 presente em 4% destes processos (0,3% do total de processos relativos às ocorrências de 2010). Apenas em cinco distritos foram abertos processos de contraordenação relacionados só com ecstasy relativos às ocorrências de 2010, representando menos de 1% dos processos abertos em cada uma das respetivas CDT. Em termos absolutos, foi o distrito de Faro registou o maior número (4) de processos relacionados só com ecstasy.

Mercados

A nível do projeto ECATD¹⁴⁸ (alunos dos 13 aos 18 anos), tanto nos resultados de 2003 como nos de 2007 relativos à perceção do mercado, o ecstasy foi considerado de menor acessibilidade (“*arranjar ecstasy*”) do que a cannabis e as perceções sobre a acessibilidade ao ecstasy variaram na razão direta da idade dos alunos. Entre 2003 e 2007, é de registar um aumento percentual de alunos a referirem ser “*muito difícil arranjar ecstasy*”.

No âmbito dos vários indicadores indiretos relativos aos mercados, o ecstasy continua a apresentar valores pouco expressivos, vindo a diminuir na segunda metade da década a sua visibilidade no mercado nacional.

Em 2010 registaram-se 86 **apreensões** de ecstasy, representando um acréscimo de +37% em relação ao ano anterior. Apesar de o número de apreensões e das **quantidades** de ecstasy¹⁴⁹ confiscado em 2010 terem aumentado em relação a 2009, verifica-se uma diminuição nos valores destes dois indicadores na segunda metade da década comparativamente à primeira. Em 2010, cerca de 12% das apreensões de ecstasy envolveram **quantidades significativas**¹⁵⁰, representando no entanto, em termos de quantidades apreendidas, a grande maioria (95%) do ecstasy confiscado no país.

¹⁴⁶ Lei do SEN, Lei n.º 22/2008 de 13 de Maio.

¹⁴⁷ Os dados de 2010 serão ainda objeto de atualização no próximo ano.

¹⁴⁸ O ECATD - Estudo sobre o Consumo de Álcool, Tabaco e Droga - teve início no IDT, I.P. em 2003 e foi repetido em 2007 (Feijão & Lavado, 2006; Feijão, 2009), inserindo-se no Programa de “Estudos em Meio Escolar”.

¹⁴⁹ As quantidades apreendidas de ecstasy moído ou em pó foram convertidas em comprimidos, conforme Portaria 94/96 de 26 de Março.

¹⁵⁰ Consideradas no caso do ecstasy as quantidades iguais ou superiores a 250 comprimidos, de acordo com os critérios utilizados pela Organização das Nações Unidas.

Relativamente às **rotas**, destacou-se a Holanda como o principal país de proveniência do ecstasy confiscado em Portugal em 2010 e com informação em matéria de rotas, destinando-se a sua maioria ao mercado externo. O distrito de Lisboa, seguido do Porto, Beja, Coimbra e Setúbal, foram os distritos com o maior número de apreensões de ecstasy (respetivamente 26%, 12%, 9%, 9% e 8% do total destas apreensões), destacando-se os distritos de Lisboa, Porto e Coimbra com a maior quantidade de ecstasy apreendido no país em 2010 (respetivamente com 65%, 15% e 11% do total confiscado).

Relativamente ao **preço**¹⁵¹ médio do ecstasy (3,68 €/comprimido em 2010), verifica-se desde 2002 uma tendência de decréscimo.

Quadro 32 - Ecstasy: Alguns Indicadores Indiretos relativos aos Mercados

Indicadores Indiretos		2008 - 2010					
		MERCADOS					
		2008		2009		2010	
		Total	% ^{a)}	Total	% ^{a)}	Total	% ^{a)}
Interpeleções Policiais	Apreensões	88		63		86	
	Quantidades Apreendidas ^{b)} (compr.)	70 309		8 987		48 370	
	Preço Médio (comprimido)	2,80 €		— ^{c)}		3,68 €	
	Presumíveis Infratores						
	Só com Ecstasy	14	0,3	9	0,1	9	0,1
	Ecstasy + Outras Drogas	127	2	92	2	139	2
Condenações	Indivíduos Condenados						
	Só com Ecstasy	12	1	8 ^{d)}	0,4	4 ^{d)}	0,2
	Ecstasy + Outras Drogas	49	3	55 ^{d)}	3	18 ^{d)}	1

a) % relativa a cada indicador.

b) As quantidades apreendidas de ecstasy moído ou em pó foram convertidas em comprimidos, conforme Portaria n.º 94/96 de 26 de Março.

c) Não existem dados suficientes para se proceder ao cálculo do preço médio.

d) De acordo com o critério metodológico utilizado nos anos anteriores, foram consideradas as decisões judiciais datadas de 2009 e 2010 que deram entrada no IDT, I.P. até 31/03/2011. Os dados relativos a 2010 ainda sofrerão atualizações no próximo ano e serão contabilizadas as decisões relativas a 2010 que derem entrada no IDT, I.P. entre 31/03/2011 e 31/03/2012.

Fonte: Polícia Judiciária: UNCTE / Tribunais / Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P.: DMFRI - NE

A nível das **interpeleções policiais por tráfico e tráfico-consumo**, à semelhança dos anos anteriores, o número de presumíveis infratores só na posse de ecstasy (9) representou menos de 1% do total de presumíveis infratores. Comparativamente ao ano anterior verificou-se uma estabilidade no número destes presumíveis infratores (os dois últimos anos registaram os valores mais baixos da década), tal como o ocorrido a nível do número total de presumíveis infratores (-0,4%). Nas situações envolvendo a posse simultânea de várias drogas, o ecstasy adquire um pouco mais de visibilidade, surgindo em 2010, em 8% destas situações (2% do total de presumíveis infratores).

Nas **condenações** ao abrigo da Lei da Droga, em 2010¹⁵² foram condenados 4 indivíduos na posse apenas de ecstasy, representando menos de 1% do total das condenações ao abrigo da Lei da Droga. Nas condenações relacionadas com a posse de várias drogas, o ecstasy surge com valores um pouco mais expressivos, estando em 2010, presente em 3% destas condenações (1% do total das condenações).

¹⁵¹ Desde 2002 que os preços se referem apenas ao mercado de tráfico e de tráfico-consumo. Esta informação é obtida através dos indivíduos detidos no contexto destas apreensões, que mencionam o preço que pagaram pelo produto estupefaciente apreendido.

¹⁵² De acordo com o critério metodológico utilizado nos anos anteriores, foram consideradas as decisões judiciais datadas de 2009 e 2010 que deram entrada no IDT, I.P. até 31/03/2011. Os dados relativos a 2010 ainda sofrerão atualizações no próximo ano, com a inclusão das decisões que derem entrada no IDT, I.P. entre 31/03/2011 e 31/03/2012.